

REVISTA *BIZZ* E O ROCK: PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO NO BRASIL

Marília Luana Pinheiro de Paiva¹

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar a importância da revista *Bizz*, no período de 1980, década de seu surgimento. A pesquisa compreende a revista *Bizz* como um documento importante para se compreender os fragmentos e as especificidades da juventude da década de 1980. A revista *Bizz* apresenta-se como um ponto de convergência entre as transformações políticas e os anseios da juventude da época. A revista apresenta considerações principalmente no âmbito do rock e traz questões modernas e relevantes para o cenário de 1980. Constitui-se como um veículo de informação, histórico e político para a década. O trabalho baseia-se em uma pesquisa documental e bibliográfica e busca compreender o processo de formação da revista *Bizz* no processo de redemocratização do Brasil. Compreende-se assim que é possível entender fragmentos da história a partir de periódicos e revistas, pois elas são documentos históricos que trazem significações, culturais, sociais e assim contribui para compreender a história vivida.

PALAVRAS-CHAVES: Redemocratização- Revista *Bizz*- História.

A década de 1980 foi um período de transformações no âmbito político, com um processo de redemocratização, ou transição política. Depois de conflitos entre oficiais militares e radicais que se configuraram por 21 anos, o regime começava a se deteriorar. Porém, tratou-se de um processo longo, lento e gradual de liberalização.

Após a dramática morte do presidente Tancredo Neves, assumiu o seu vice, José Sarney. Em meio a frustrações políticas e tensões sociais de todo o tipo, o país caminhava para uma transição à democracia. Porém, essa transição estava fadada a obstáculos.

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestre em Ciências Sociais Aplicadas. E-mail: marilia-lua1@hotmail.com

A década de 1980 seria a prova desta dificuldade, sendo uma época que apresentou a ausência de perspectivas políticas no Brasil. Havia no ar o desapontamento com o resultado da campanha das “Diretas Já” que ocorreu em meados de março de 1984: a não aprovação da Ementa Dante de Oliveira no Congresso Nacional, a qual implantava as eleições diretas no Brasil, causou uma insatisfação na população.

Figueiredo tomou, então, medidas de contrapressão: apresentou um projeto de redução do mandato presidencial de seis para quatro anos e eleições diretas previstas para novembro de 1988. (SOARES; D’ARAÚJO, 1994). O momento pedia urgência e medidas adequadas: a inflação estava nas alturas, os salários corroídos e o crescimento estagnado. Considerado pelos economistas como “a década perdida” devido aos grandes avanços inflacionários e ao pouco crescimento da economia, os anos 1980 foram também um período de grandes mudanças sociais. (AGUIAR, 2011).

Com o fim da censura e a volta dos artistas, jornalistas e cantores exilados, assim como dos políticos cassados, a transição rumo à redemocratização se concretiza após a campanha das “Diretas Já”². (KINZO, 2001). Durante os anos do governo e os seguintes, o Brasil vivia grandes mudanças geracionais, se expandia uma juventude politizada, com perspectivas e visões de mundo, hábitos e comportamentos diferentes da geração anterior. Era uma nova geração, a juventude embalada ao som do rock brasileiro e de suas letras.

O país vivia a explosão do chamado “Rock Brasil” com jovens bandas alcançando o estrelato a bordo de sucessos massivos nas FM e de um bem-azeitado circuito de shows (nas danceterias). Pela primeira vez, se falava em “público jovem” no Brasil, cultura abafada por 20 anos de ditadura militar. (BIZZ, 2012).

Nos anos de 1980, após o surgimento do *Rock in Rio*, que reuniu vários nomes do rock brasileiro e internacional, culminou um espaço para o surgimento dos demais eventos em diversos lugares do Brasil, como: nas regiões

² “Diretas já” foi um dos movimentos de maior participação popular da história do Brasil, um ato político e democrático que teve início em 1983. Esse movimento apoiava a emenda de Dante de Oliveira que propunha eleições diretas para o cargo de presidente da República, tendo apoio dos partidos PMDB e PDS, e uma grande representação da população que foi às ruas. (SUA PESQUISA.COM, 2016a).

Sul e Sudeste, os eventos *Claro que é Rock* e *Nokia Trends*; o *Porão do Rock*, em Brasília; *Abril pro Rock*, no Recife; e *Calango*, em Cuiabá. Esses eventos reuniram bandas de grande sucesso, como: U2, Pearl Jam, The Strokes, Rolling Stones, Sonic Youth, Franz Ferdinand, dentre outros. Todos ocorrendo nos anos 80, ajudaram a fortalecer o cenário do rock no país. (MAGI, 2008).

Na consolidação da nova juventude e no desenvolvimento do rock brasileiro, a revista *Bizz* foi criada em agosto de 1985, com a direção de Carlos Arruda e com José Eduardo Mendonça, chefe de redação da revista. O projeto de criação da revista, a princípio, foi pautado em entrevistas feitas junto ao público participante do primeiro *Rock in Rio*. A característica visual da revista foi inspirada em uma revista inglesa chamada *Smash Hits*. (BIZZ, 2015).

A revista *Bizz* se caracteriza por atender e manter uma fidelidade ao público jovem, contendo um visual gráfico moderno e despojado, visando diretamente o seu leitor jovem, que até anos posteriores não teria sido o foco principal das revistas. Voltada para a música nacional e internacional – MPB, rock e pop –, o cenário musical que a Revista *Bizz* focaliza é especificamente o do rock. A *Bizz* foi criada nos anos 1980, especificamente em 1985, ano de reestruturação e articulação política, em meio ao processo de redemocratização do Brasil, após viver 21 anos de ditadura civil e militar. (GUERRA, 2011).

No documentário *Bizz: Jornalismo, causos e Rock and Roll*, Alex Antunes, editor da revista *Bizz* nos anos de 1987, 1988, 1991 e 1992, aponta que:

Uma coisa que tem que ser levada em conta é que o contexto musical e o consumo de música em 1985 eram completamente diferentes, as pessoas não tinham acesso a essa informação, e o que marca o que pontua essa mudança é a realização do Rock In Rio. (BIZZ, 2012).

Alex Antunes chama a atenção para a juventude dos anos 80, um público diferente dos anos anteriores, de 60 e 70, em que se tinha uma maior dificuldade de difusão da informação e da cultura diante da censura e da repressão, bem como o seu entretenimento e o meio musical, eram setores que se encontravam em locais alternativos e “escondidos” devido ao regime de repressão do momento. O governo tinha uma postura controladora mediante os jovens e seus espaços de socialização, bem como ante a mídia e a vinculação de informação.

Mas com a abertura política e o fim do Ato Institucional 5 (AI-5), as estruturas sociais e artísticas começam a mudar e apresentar uma organização um pouco mais livre na comunicação. Nos anos de 1980, após o *Rock in Rio*, abrem-se mais espaços para a divulgação tanto do meio musical como do rock brasileiro. Ou seja, nesse cenário musical, o *Rock in Rio* abre espaço para uma maior visibilidade e para uma ampliação do rock no Brasil, pois, a partir desse evento, ganha-se um novo olhar e novas concepções também na estrutura política, com o processo de redemocratização do país. Bia Abramo, editora-assistente da revista *Bizz* nos anos de 1985 e 1986, declara: “A gente tinha uma inquietação muito grande, cultural, ali nesse período, né... coincidiu não só com o *Rock in Rio*, mas com o período da abertura política.” (BIZZ, 2012). Marcelo Costa, crítico musical, comenta o seguinte: “Tínhamos uma República surgindo depois de anos de ditadura, tínhamos bandas muito legais lançando discos. Tivemos o primeiro *Rock in Rio*, um monte de coisa junto, um movimento catalisador que culminou com o lançamento da revista *Bizz*.” (BIZZ, 2012).

A revista *Bizz* surge intitulada como *Bizz n^o 0*, baseada nas revistas internacionais como *Rolling Stone* e *New Music Express (NME)*, tendo uma grande aprovação e indo para as bancas em agosto de 1985, quando traz Bruce Springsteen na capa da sua primeira edição. (GUERRA, 2011).

A revista *Bizz* surge nesse cenário de agitação política e cultural, especialmente da música jovem. Em sua linha editorial, a *Bizz* abrangia questões ligadas à música, ao cinema, à moda, a instrumentos musicais, a letras de canções com traduções, a notícias do mundo artístico musical, a vídeos e à tecnologia. Para os padrões editoriais da época, foi um sucesso logo na estreia, a sua primeira edição vendeu aproximadamente 100 mil exemplares, afirmando uma estabilidade nos meses posteriores, entre 60 e 70 mil exemplares. A sua principal característica era a linha musical jovem urbana em um cenário político, social e cultural propício. Como afirma Alex Antunes, editor chefe da revista:

O que determinou a importância da *Bizz* nos anos 80 foi a combinação entre determinadas condições político-sociais e de mercado, que permitiram que a revista apresentasse, por assim dizer, o Brasil urbano carente de uma expressão musical condizente com a juventude da época a uma onda emergente de rock (nacional e internacional) pós-punk.

A circulação de informação era precária. Não havia internet; nem todos os discos supostamente importantes eram lançados no país e a importação de vinis era cara; não havia tecnologia de reprodução doméstica de discos sem perda considerável de qualidade da cópia (fita K7, no caso); as próprias bandas brasileiras emergentes precisavam de um interlocutor na imprensa [...] o formato da revista era importante inclusive na divulgação da imagem das bandas. Ao mesmo tempo, o impacto ainda recente do punk permitia uma discussão histórica das conexões entre a sonoridade da época e as raízes do rock e, em termos de Brasil, a relação entre as bandas de pop urbano e a música brasileira (questão colocada pela Tropicália e muito carente de respostas nos anos 80). (GUERRA, 2011).

Tratava-se de um novo contexto histórico, a emergência de uma nova fase da juventude em um espaço carente de musicalidade que expressasse seus pensamentos, dilemas urbanos, sentimentos, questionamentos sociais e políticos. O rock foi (e é) um grande símbolo dessas críticas.

A *Bizz* surgiu na metade da década de 1980. Aquele período foi crucial para a cultura, política e economia brasileira por dois motivos: consolidação do fim da ditadura militar e consequente abertura cultural – que culminou em uma pluralidade de manifestações no país, entre elas o rock'n'roll, e na criação de impressos voltados para este gênero musical. O Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL) havia encerrado as suas atividades em 1983. A função da CONTEL era impor restrições ao conteúdo de programas televisivos e de rádio. A ditadura chegava ao fim, e os meios de comunicação estavam livres da fiscalização de conteúdo de um órgão oficial. Possivelmente o grande marco histórico desse período seja uma das últimas manifestações do movimento Diretas-já, realizada na Praça da Sé (1984), que reuniu 1.500.000 pessoas em São Paulo. Vale notar, a passeata não pôde ser abafada pelo controle midiático. (RODRIGUES, 2013).

O ano de 1985 foi o ano de criação da revista *Bizz* e no qual houve o governo de José Sarney e a sua política econômica do Plano Cruzado³, implantada pelo ministro da fazenda Dilson Funaro, medidas tomadas para combater a inflação e que se configuraram em ações econômicas: estacionamento de preços de bens e de serviços; reforma monetária, com a intenção de frear a crise econômica; extinção do cruzeiro e criação de uma nova

³ O Plano Cruzado foi um conjunto de medidas econômicas lançadas pelo presidente José Sarney e criado em 1986 pelo na época ministro da fazenda, Dilson Funaro. O plano teve o principal objetivo de controlar a inflação que o país atravessava. A moeda brasileira, que era o cruzeiro, foi transformada em cruzado, que valia aproximadamente 100 vezes mais. Houve o congelamento dos preços em varejo e a correção automática do salário a fim de acompanhar a inflação. (SUA PESQUISA.COM, 2016b).

moeda, o cruzado; fim da correção monetária; congelamento dos salários. Foi instituída, em 1985, uma nova fase em direção à democracia, com governo de José Sarney e a sua postura em favor da democracia, com a transição de um governo militar para um civil, em 1990. Também foi elaborando uma nova Constituição, em 1988, garantindo os direitos políticos, civis e sociais à população.

Nesse processo de ajuste, provocava-se um desequilíbrio interno ao se corrigir o desequilíbrio externo. Com a alta dos juros e a deterioração das contas públicas, o investimento produtivo diminuiu dramaticamente. A inflação era outro aspecto relevante da crise dos anos 1980. Em geral, políticas que reduziam o consumo interno se mostravam eficazes para conter as pressões inflacionárias. Contudo, o exemplo brasileiro parecia indicar que havia um componente de inércia inflacionária, e que os métodos convencionais não funcionavam numa economia com alto grau de indexação. Na primeira metade da década de 1980, surgiram propostas de política anti-inflacionária alternativa que seriam a base teórica do Plano Cruzado, lançado em 1986. (REIS; RIDENTI; MOTTA, 2014, p. 68).

Devido ao quadro econômico em que se encontrava o Brasil – altos índices de inflação, elevada dívida externa, recessão e desemprego – algumas medidas foram tomadas com base no método tradicional de redução do consumo interno como modo de resolver a crise na balança de pagamentos. O Brasil estava inserido na crise que a década de 1980 enfrentava. A redução da economia no mercado internacional e a diminuição do crédito no âmbito internacional afetavam, sobretudo, os países endividados. O governo, então, adotou medidas para tentar ajustar a economia, diminuindo a demanda interna e ajustando as demandas externas para conter a inflação. Houve uma redução do crédito bancário, bem como a imposição de taxas de juro e a delimitação dos investimentos. (REIS; RIDENTI; MOTTA, 2014).

Os trabalhadores foram os mais prejudicados, pois os preços das mercadorias foram congelados no seu pico e os salários congelados na média dos últimos seis meses. Assim, muitos empresários afirmavam que o congelamento era contra as leis de mercado e que a principal causa da inflação eram os gastos abusivos do governo. (PADRÓS; BARBOSA; LOPEZ; FERNANDEZ, 2009).

O Plano Cruzado tinha a função de combater os altos índices de inflação herdada dos governos militares em conjunto com outras insatisfações, como a dívida externa e dívidas internas superiores às receitas do governo, gerando um déficit público. A crise econômica foi um componente importante na insatisfação popular, sendo um dos principais motivos de impulso do movimento das “Diretas Já”, em 1983 e 1984, quando milhares de pessoas foram às ruas para exigir o fim da ditadura, pois acreditavam que o Brasil estava como tal, por conta da má direção presidencial e política da época, ou seja, a ditadura, e lutavam pelas eleições diretas no país, assim como pela democracia, pela maior liberdade de expressão. (KINZO, 2001).

Em meio a um cenário político e econômico de crise, o âmbito cultural crescia e se transformava, havendo um significativo aumento do consumo de bens culturais no Brasil dos anos de 1980, o que também contribuiu para uma melhor condição de venda e de mercado para as indústrias de entretenimento e fonográfica no país. Devido ao sucesso e à repercussão da revista, seus editores investiram em edições especiais, como: *Top Hits*, conhecida também como *Letras Traduzidas*; *Ídolos do Rock*, a qual trazia pôsteres de ídolos do rock nacional e internacional. E, devido ao aumento do consumo e ao grande alcance de vendas, criaram-se variados serviços e produtos para esse emergente público consumidor, ou seja, o “público jovem”. Assim, a Editora Abril criou a Editora Azul, que começou a publicar a *Bizz* em meados de outubro de 1986. (BIZZ, 2015).

Para Regis Tadeu, crítico musical, produtor e blogueiro do site *Yahoo!*, a revista *Bizz* foi importante na formação de opinião na sua época e, principalmente, foi um grande veículo de informação na esfera musical dos anos de 1980, período em que o rock estava em alta nas principais cidades do Brasil, e nos grandes centros urbanos.

A importância da *Bizz* pro mercado geral, ela residiu principalmente no fato dela ter sido uma formadora de opinião, durante grande parte da sua existência, inclusive eu acho que ela fomentou entre os leitores uma curiosidade em relação a novos sons que eu geralmente não via nenhuma outra publicação aqui no Brasil fazer. Na verdade, eu acho que essa foi a grande contribuição, além de ter um caráter informativo muito interessante, ela fez também com que a gente, pelo menos no meu caso, passasse a gostar de música também por outros aspectos.

Não que a coisa não ficasse restrita apenas à coisa da música boa e da música ruim. Você está me entendendo? Acho que uma grande vantagem da *Bizz* em relação às outras publicações similares é que ela estimulava a gente a pensar e tomar uma posição mesmo que contra aquilo que a gente lia na revista. (BIZZ, 2012).

Em sua primeira edição, em agosto de 1985, a revista traz o seu perfil editorial aos leitores em suas linhas de abordagem jornalística.

O aumento de público nos shows e nas danceterias, a proliferação dos programas de videoclipes e a recuperação da indústria de discos deixaram clara a necessidade da criação de uma nova publicação. Uma publicação que andasse junto com a música e a imagem em suas mais diversas manifestações.

Para isto nós fizemos *Bizz*. Para acompanhar todos os movimentos ligados à música jovem, aqui e lá fora. Com informação séria e detalhada, em coberturas de shows e reportagens, e opinião equilibrada, em colunas e seções que vão manter você em sintonia.

BIZZ, como você vai ver nas páginas seguintes, é vitalidade, garra e antenas ligadas. É uma revista feita para você divertir-se muito e estar sempre bem informado a respeito da música popular mundial. (BIZZ, n. 1, ago. 1985, p. 2).

Apresenta-se a seguir, de forma descritiva, a formação da revista e suas seções, forma a possibilitar o entendimento de seu formato e sua composição.

A revista *Bizz* era dividida e diagramada em diversas seções. Uma delas era intitulada “Show Bizz” e trazia as notícias do meio musical, dos shows e dos festivais, livros, filmes e trilhas sonoras em evidência no momento.

Outro quadro da revista convergia apenas às músicas, dentre elas estavam as mais tocadas do mês relacionadas a partir de um *hit parade*, o “*hit parade* do leitor”, com as 10 mais vendidas, as 10 mais tocadas e também as 25 mais da “parada Bizz”. Selecionamos o “*hit parade* do leitor” como fonte desta pesquisa para compreender as quais músicas estavam sendo ouvidas e selecionadas pelo público, bem como para investigar o leitor, o público específico consumidor da revista *Bizz* durante o período de 1985 a 1990.

Não necessariamente os *hit parade* classificavam os dez primeiros, muitas vezes essa listagem ultrapassava essa contagem. Esse era o espaço denominado “parada”, nome que indicava quais eram as músicas em termos de audiência e de vendagem, as mais tocadas nas rádios FM nesse período. A sua tabulação de vendas dos discos era feita pela GEM Comunicação. Um aspecto interessante da *Bizz* era a abertura de uma caixa de diálogo com o leitor. Ao lado

da publicação do *hit parade* das 25 mais, vinha uma chamada à colaboração dos leitores:

Leitor: a sua participação é muito importante para a parada *Bizz*, escreva para a *Bizz*, caixa postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Escreva também seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo. (*BIZZ*, n. 1, ago. 1985, p. 16)

A *Bizz* mantinha uma relação com o público leitor também por cartas, bem como um diálogo a partir do momento em que o endereço era armazenado e a revista poderia consultá-lo. Esse público alvo que se correspondia com a revista era, em grande parte, de jovens, os quais mantinham uma relação concreta com a revista. Nas últimas páginas também havia um espaço para a comunicação, pedindo para que escrevessem para a revista, solicitando que contassem quais discos os leitores estavam comprando, para que então contribuíssem para compor o *hit parade*, seção que listava as músicas mais vendidas e as selecionadas pelo público, assim como as mais tocadas baseadas nas rádios de sucesso.

O diálogo ainda permanecia quando a revista também solicitava que os leitores escrevessem para escolher qual banda ou cantor queriam ver na revista, assim como a letra que deveria ser traduzida, e as cifras. Era um espaço também destinado para que os leitores pudessem anunciar ou procurar integrantes para as suas bandas e afins. A carta, nesse momento, era a correspondência de grande uso, pois a internet ainda era de uso restrito.

“Lançamentos” era o nome da seção seguinte, onde a revista trazia os novos lançamentos do mercado fonográfico, as músicas de sucesso, as trilhas sonoras, incluindo as mais tocadas e os discos mais comprados dos últimos tempos. “Vídeo” era uma seção na qual se divulgavam os principais filmes, suas direções, anos, filmes em cartaz e videoclipes. A criação do videoclipe estimulou a aceitação da *Bizz*, e, com a estreia da emissora de televisão norte-americana MTV⁴, agora não mais se ouvia música, mas se assistia música. A maioria dos

⁴ A MTV foi inaugurada em 1 de agosto de 1981 e pertence ao grupo Viacom, do qual também fazem parte a Nickelodeon, a Paramount Pictures, a DreamWorks, o CMT, a UIP e a CBS. E a MTV Brasil pertence ao Grupo Abril. As primeiras imagens transmitidas pela MTV mostram o pouso na Lua da nave Apollo 11 e uma montagem de um astronauta fincando a bandeira da

artistas passava pela MTV nos anos de 1980. Assim, a *Bizz* participava como um elo entre fãs e as produções da MTV. (GUERRA, 2011). Surge uma nova fase, a do videoclipe, na qual a música era incrementada e colocada como cenário de uma trama e de uma história que o videoclipe trazia. O videoclipe representa a cultura narrativa sendo de certa forma substituída pela cultura do movimento. O videoclipe é construído no mar da imagem, buscando a emoção e a sensação imediata. No final da década de 1980 e começo de 1990 o formato de audiovisual, ou seja, o videoclipe começa a tomar proporções maiores, por conta do contexto social e econômico estava inserido. Os *clips* ganham grande reconhecimento como uma das mais importantes formas culturais da época, com o impacto da imagem, som, moda, cultura jovem e signos, estilos e representações de uma época através da imagem, da performance. Não se ouvia apenas a música, mas agora ela também era vista e representada. Não se pode deixar de destacar o seu lado promocional na quais indústrias da música e da mídia viram um meio de investimento. Porém o seu caráter irreverente e cultural foi notável a música, que trouxe a música associada à imagem e ao movimento.

A MTV se tornou sinônimo de videoclipe, embora não tenha sido ela a criadora do gênero, contribuiu para a influência do comportamento do público jovem. A MTV nasceu nos EUA, um canal de 24 horas de música direcionado ao público jovem, com a faixa etária entre 12 a 34 anos. Apresenta desde seu surgimento um caráter mercadológico e que conquistou diversos territórios e variados públicos. A MTV surge na Europa em 1987 e em 1990 chega ao Brasil. Atualmente a MTV está presente em 160 países. É importante o seu caráter mercadológico em “vender a música” que significou um novo horizonte a ser explorada, a TV voltada para a música, despertou e fortaleceu assim um público jovem, como lucros a gravadoras. A MTV significou uma revolução na indústria musical de forma mundial, e associação de imagem, música, rock e juventude,

emissora no satélite. Esse astronauta inspiraria a criação da estatueta do prêmio VMB MTV. A MTV brasileira surgiu em 20 de outubro de 1990, com sede em São Paulo. Pouca gente sabe, mas os estúdios da MTV Brasil funcionam onde ficava a sede da antiga TV Tupi. O primeiro *slogan* da MTV foi *I Want my MTV* (“Eu quero minha MTV”). O primeiro clipe exibido na MTV dos Estados Unidos foi “Video Killed the Radio Star”, do grupo britânico The Buggles. O primeiro clipe a ir ao ar na MTV brasileira foi “Garota de Ipanema”, na interpretação da cantora Marina Lima. (MAIS QUE CURIOSIDADE, 2015).

marca da era da tribalização do rock, através estilos, unidos de uma libertação sexual e cultural da época. (TREVISAN, 2011)

Na sequência das páginas, a revista apresentava a sua matéria principal, sobre um músico em evidência na esfera do rock nacional ou internacional. Na primeira edição da revista, o músico que ganha a capa e também a matéria de destaque é o cantor Bruce Springsteen (fato já mencionado anteriormente), influente no cenário do *rock and roll*.

A seção seguinte da revista é intitulada “Heavy Metal”. A primeira edição enuncia a linha editorial em torno de um gênero ou subgênero do rock.

O que é black e o que white metal? Como é que pintou esta adoração de bandas pauleira por legiões de figuras de roupas negras e munhequeiras de tachinhas? Depois do Rock in Rio a palavra metaleiro virou moda. E se instalou, apesar de ser renegada por muitos grupos que dizem que o rock pauleira sempre existiu e sempre existirá. Vamos inaugurar esta seção falando do pessoal que sempre pegou no pesado. (BIZZ, n. 1, ago. 1985, p. 56).

Essa seção traz uma matéria em torno do *heavy metal*, das influentes bandas nesse meio, das suas formações e da sua discografia, das suas músicas e das suas articulações no cenário fonográfico. Dentre as citadas na primeira edição da revista, estão Black Sabbath, Led Zeppelin, Kiss, Deep Purple.

A próxima seção, “Ao vivo”, era um espaço onde a revista cobria os shows de bandas de sucesso. Na sequência, continha matérias sobre essa banda, notícias e a crítica da revista.

A próxima seção, “Visual Cinema”, escrita por Alex Antunes⁵, trazia notícias sobre livros e filmes e uma sinopse destes. Na primeira edição, Antunes descreve o filme *Brazil*, de Terry Gilliam, dentre outros. O editor descrevia os atores, o enredo e o conteúdo dos filmes.

A seção “Clip” era associada diretamente à MTV (*Music Television*), que se transformou em um canal de TV bem-sucedido nesse período de 1990 no Brasil (ano da sua estreia no país). A MTV vinculava, na maior parte de sua programação, músicas a imagens, ou seja, os famosos videoclipes, além de entrevistas exclusivas com grandes astros da música em evidência no momento,

⁵ Alex Antunes foi editor-chefe da *Bizz* nos períodos de 1987 a 1988 e de 1991 a 1992.

assim como versões de shows e paradas semanais com os vinte vídeos de sucesso no cenário fonográfico.

A MTV se tornou parâmetro de sucesso, se uma banda não tocasse na emissora, ela não era sucesso. Os próprios editores da *Bizz* reconhecem que se não existisse a MTV talvez a repercussão de tais bandas e artistas, assim como videoclipes, seria menor, não teriam alcançado na mesma proporção o grande público. (*BIZZ*, n. 1, ago. 1985, p. 52-53). Assim, a televisão, a imprensa escrita e a música formavam uma rede típica da indústria cultural. A geração jovem era o seu grande público, tratando-se de uma juventude formada na era da televisão, com ilustrações, imagens e uma vasta tecnologia nesse setor, que crescia cada vez mais. As músicas mais tocadas, sem exceção, estavam na programação da MTV.

A seção “FM rádio *Bizz*” contava sempre com uma crítica especializada, um integrante do meio musical, um crítico da indústria fonográfica, geralmente ligado ao rádio, para discutir questões ligadas à música. A seção discutia também o processo que o rádio estava desenvolvendo nesse período, pois as rádios ganhavam uma maior visibilidade nos anos de 1980, por conta de um meio de difusão das músicas da época e também do rock.

O espaço “Porão” era de grande interesse para o leitor e para as bandas, pois divulgava as bandas e cantores novos, tanto nacionais como internacionais, sendo a seção na qual o público leitor conhecia as bandas que surgiam mês a mês. A revista trazia um breve histórico sobre tais bandas e cantores e também comentava sobre as suas músicas iniciais que estavam em destaque.

Percebe-se que esse espaço era de grande valia, pois trazia a possibilidade de o público tomar conhecimento daquilo que ficava muitas vezes longe da televisão e dos grandes sucessos, ou seja, o público a partir da revista tem um universo mais amplo do que apenas o sucesso e os grandes *hits* da moda.

“Cifras” era o lugar no qual eram trazidas cifras para violão, guitarra, baixo, teclado e bateria. A seguir, a seção “Letras traduzidas” trazia o ambiente das letras traduzidas e pedia para que os leitores enviassem as letras que queriam que fossem traduzidas e publicadas.

“Equipamentos” era o próximo espaço, que reportava notícias sobre os instrumentos musicais e o cenário do mercado do áudio, comentários a respeito, etc. Também fixavam um glossário no qual os leitores que não eram acostumados com as nomenclaturas dos instrumentos e equipamentos musicais pudessem compreender na íntegra a matéria. Nessa mesma linha, como um apêndice, a próxima seção era nomeada “Meu instrumento”, onde um músico contava sobre o seu instrumento preferido, seus truques, os meios que utilizava, a história ligada a eles. Citavam modelos, preferências, aparências. Ainda nessa mesma linha, a próxima seção, “Bits Bizz”, trazia notícias sobre tecnologias e novos aparelhos eletrônicos do futuro, avançados, da era digital, aparelhos sonoros, audiovisuais, entre outros.

O penúltimo segmento da revista era a “Discoteca Básica”, uma matéria sobre um determinado álbum de época considerado um clássico do rock e intitulado como obra-prima, com músicas significativas para a época. Trazia também uma breve matéria a respeito do cantor ou da banda escolhido. Para a abertura da primeira seção, a revista selecionou o álbum *Sargent Pepper’s Lonely Hearts Club Band* (1967), dos Beatles.

E, por último, a seção “Opinião”, que abriu a sua primeira tribuna com Roberto Medina, responsável pela produção e organização do *Rock in Rio*, fazendo uma crítica construtiva ao evento que marcou uma época.

A criação da *Bizz*, da mesma forma que o *Rock in Rio*, está associada a uma necessidade sentida naquele momento de criar um espaço “para a música”, e em especial para o rock, seja através da elaboração de um evento musical, seja através de um espaço de discussão sobre a temática. No caso, a revista *Bizz* pretendia preencher essa lacuna, que se apresentava em meio à explosão do *Rock* no Brasil, tendo um público e uma necessidade.

Nesse circuito de bandas, a revista *Bizz* estava entre os impressos alternativos especializados em música e que muitas vezes se tornava a ferramenta principal no sistema capitalista dos “jabaculê” ou “jabás”, que funcionava como um suborno, uma espécie de cobrança para a veiculação das músicas nas rádios. A *Bizz* foi peça essencial nessa articulação que resultava muitas vezes na aceitação do público, devido à inserção musical nas rádios. (LOBÃO, 2010).

Recorrer à história e ao periódico como pesquisa nos permite contribuições interdisciplinares para compreender fragmentos sociais, políticos e ideologias através de um veículo de informação que também constrói interações e identidades.

A Escola Metódica⁶ aponta para a importância do documento enquanto fonte, com ênfase na questão central e heurístico-documental, classificando os documentos oficiais como principais fontes históricas. A Escola dos *Annales*⁷, no século XX, contribuiu para o alargamento da noção de fonte, ao determinar que o ofício do historiador e suas fontes seriam guiados por tudo que fosse humano. Marc Bloch demonstra que, ao mesmo tempo em que se ampliam as fontes, também se amplia a tipologia das fontes. (KARNAL; TATSCH, 2011).

O século XX ampliou a noção de objetos históricos e considerou tudo que tivesse a possibilidade de vislumbrar a atividade da ação humana como fonte de pesquisa, o que possibilitou o surgimento de novos campos de pesquisa histórica, como: a história oral, a história das mulheres, a história das imagens, etc. Esses diversos novos campos possibilitaram um diálogo maior com a Antropologia e a Sociologia do que a história tradicional estabelecia. Assim, novos temas ampliaram, conseqüentemente, a noção de documento histórico. A Escola de *Annales* elaborou essas novas formas de documentos e constituiu outras maneiras de se construir o conhecimento histórico. (REIS, J. C. 2000).

Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específico para tal emprego. Quanto mais a pesquisa, ao contrário, se esforça por atingir os fatos profundos, menos lhe é permitido

⁶ “A Escola Metódica quer impor uma investigação científica afastando qualquer especulação filosófica e visando objetividade absoluta no domínio da história; pensa atingir os seus fins aplicando técnicas rigorosas respeitante ao inventário de fontes, à crítica dos documentos, à organização das tarefas na profissão.” (HISTÓRIA HISTORIOGRAFIA, 2015). “A Escola Metódica compreende a história a partir de documentos, oficiais. Evita-se a construção de hipóteses, procura-se a construção de uma neutralidade de axiológica e epistemológica, isto é, não julgará e não problematizará o real.” (REIS, J. C. 1996, p. 13).

⁷ “Na verdade a grande contribuição historiográfica dos *Annales* em sua primeira geração foi a possibilidade de um diálogo entre a história e as ciências sociais, rompendo uma barreira invisível e ao mesmo tempo sólida, legitimada por uma história tradicional, factual, excessivamente preocupada com os acontecimentos advinda do século XIX. (REIS: 2004). A ‘história nova’ empreendida por Febvre e Bloch com a *Escola dos Annales*, começa a tecer suas redes de conhecimento em contraposição a história tradicional ‘enraizada’ nos grandes homens e fatos, e que dessa forma, marginalizava muitos aspectos das experiências humanas, entretanto para a ‘história nova’, toda vivência humana é portadora de uma história.” (MARTINS, 2008).

esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza. (BLOCH, 2002, p. 80).

O documento histórico não é claro, necessita de um método que possibilite um meio de investigação e instrumentos para a sua prática. Cabe ao historiador extrair aspectos que aparecem sob o documento de forma indireta e historicizá-las

Os documentos criam significações que muitas vezes “contaminam” outros documentos. Porém, é inerente ao historiador compreender que o documento pode trazer um dado que nenhum outro traz e criar uma nova visão já concebida anteriormente. O documento histórico é qualquer fonte sobre o passado que possa ser analisada no presente e com que o historiador estabeleça diálogos com a subjetividade atual e a subjetividade do passado. (KARNAL; TATSCH, 2011).

Na década de 1970, ainda eram pouco utilizados os jornais e as revistas como documentos para fim de conhecimento da História. As revistas, assim como os jornais, podem ser consideradas “enciclopédias do cotidiano” (LUCA, 2005). Devemos levar em conta que ambos têm interesses e recortes específicos que atraem um público particular. A utilização de periódicos na produção do saber histórico implica na renovação de temas, problemáticas e procedimentos metodológicos. A Escola dos *Annales* possibilitou novas abordagens, objetos e problemas em tal sentido. As temáticas em relação às pesquisas aumentaram gradativamente, pois, com o alargamento da noção de fonte, incluíam-se mentalidades, práticas culturais, festas, filmes, aspectos do cotidiano, dentre tantos outros temas que antes estavam ausentes no campo da História. (LUCA, 2005).

Os periódicos percorrem diferentes espaços, são importantes fontes de pesquisa, pois trazem discursos acerca de identidade, modos de vida, experiências, práticas cotidianas, depoimentos orais, dentre outros aspectos pertinentes ao pesquisador como fonte, fazendo dos periódicos um elemento para se estudar a história.

A análise da segmentação mais contemporânea do mercado de revistas, e sua relação com a construção das identidades a partir do consumo, são das mais instigantes. Indicação clara que os interesses

pelas revistas extrapola o círculo de especialistas está no fato de a Editora Abril comemorar o seu quinquenário com o lançamento de uma publicação, vendidas em bancas de jornal, que esboçou a trajetória da revista no Brasil e foi elaborada “no estilo revista: variada, multifacetada e viva”, observação que nos informa acerca do entendimento que os proprietários de um dos principais grupos editoriais do país têm acerca da natureza desse impresso. (LUCA, 2005, p. 122).

A Editora Abril⁸ foi a empresa criadora da revista *Bizz*, a revista utilizada nesta pesquisa como principal fonte para traçar uma identidade das bandas de rock de 1985- 1990. A revista se articula com as novas demandas da vida urbana e ao contexto da explosão do “rock Brasil” no período de redemocratização. Torna-se, assim, pertinente para se estudar a história e a identidade de bandas da época construídas e reforçadas a partir dos discursos e músicas apresentadas.

⁸ Editora brasileira criada em 1960 com sede na cidade de São Paulo, é integrante do Grupo Abril. Desde 2014, Alexandre Caldini é o seu presidente. Compreende-se que a Editora Abril possui uma postura conservadora, civita, porém a pesquisa atenta-se para a construção identitária a partir da história das músicas e ideologias críticas em relação ao contexto social e político.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marco Alexandre de. As décadas de 80 e 90: transição democrática e predomínio neoliberal. *Contemporâneos: Revista de artes e humanidades*, n. 7, p. 1-12, nov./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n7/artigos/marco-alexandre-as-decadas-de-80-e-90.PDF>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

BIZZ – Jornalismo, causos e Rock and Roll. Direção: Almir Santos e Marcelo S. Costa. Produção: Almir Santos. São Paulo: Synapse Produções Ltda, 2012. Documentário (25 min.).son.,color.

BIZZ. Disponível em: <<http://bizz.abril.com.br/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

BIZZ. São Paulo: Abril, n. 3, out. 1985.

BIZZ. São Paulo: Abril, n. 13, ago. 1986.

GUERRA, Renan Machado; FINARDI, Tamara; RIBEIRO, Mara Regina Rodrigues. Na batida do som: Bizz e o Jornalismo de Revista. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., Guarapuava, PR. *Anais...* Guarapuava, PR: UNICENTRO, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/80-encontro-2011-1/artigos/Na%20batida%20do%20som%20Bizz%20e%20o%20Jornalismo%20de%20Revista.pdf/at_download/file>. Acesso em: 07 ago. 2015.

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA. *Escola metódica*. 2015. Disponível em: <<http://historiaehistoriografianet.blogspot.com.br/2015/04/escola-metodica.html>>. Acesso em: 23 fev. 2016

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. Documento e história: A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9-27.

KINZO, Maria D'Alva G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. *São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 4, 2001, p. 3-12. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n4/10367.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2015

LOBÃO, Claudio Tognolli. *50 anos a mil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAGI, Érica Ribeiro. Fora dos palcos: relações entre Rock Brasileiro e a crítica musical nos anos 80. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, 19, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo:

ANPUH/SP – USP, 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Erica%20Ribeiro%20Magi.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2015

MARTINS, Jossefrância Vieira. A Escola dos Annales: histórias e revoluções historiográficas. *História e-História*, 2008. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=53>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

PADRÓS, Enrique; BARBOSA, Vânia; LOPEZ, Vanessa; FERNANDEZ, Ananda. *Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*. Porto Alegre: Corag, 2009, v. 4.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo Siqueira; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

REIS, José Carlos. *A escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RODRIGUES. *História da Bizz: Música é tudo: 1985- 2007*. 2013. Disponível em : historiadabizz.wordpress.com/2013/12/10/contexto-historico/>. Acesso em: 23 dez. 2014

SOARES, Gláucio Ary Dillon; D'ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.). *21 anos de Regime Militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

SUA PESQUISA.COM. *Diretas Já*. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/diretas_ja.htm>. Acesso em: 24 fev. 2016a.

_____. *Plano Cruzado*. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/economia/plano_cruzado.htm>. Acesso em: 24 fev. 2016b.

TREVISAN, Michele Kapp. *A ERA DA MTV: ANÁLISE DA ESTÉTICA DE VIDEOCLÍPE (1984-2009)*. 2011, 256 f Tese. (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3627. Acesso em >. Acesso em 20 abr. 2016